DOI: 10.23899/9786589284147.6

A criança amazônida e seus mapas mentais: expressão gráfica infantil em Marabá

Alexandre Silva dos Santos Filho*
Paloma Noleto da Silva**

Introdução

Os olhares estão voltados a um ambiente recheado de pluralidades, de multiplicidades como é o ambiente escolar - e este, a um público municipal de educação básica. Nele, as diversas imagens representam e trazem consigo muito além do que as paredes podem limitar. Nesses espaços, as pessoas deixam à mostra o contato com o outro, o vibrar coletivo, o compartilhar desejos, emoções, o viver, o sentir junto, ou seja, é um ambiente no qual "elabora-se um modo de ser (ethos) onde o que é experimentado com outros será primordial" (MAFFESOLI, 1996, p. 12). É um deixar exposto o interno e externo, cuja dinâmica do ver e olhar estão em constantes construções.

É seguindo essa dinâmica que a pesquisa se desenvolveu. Não é um estudo do meio escolar, mas sim nele e com ele. As crianças participantes da pesquisa transitam e vivenciam por diferentes meios a experiência do mundo imediato (externo), que são constituições em seus mapas mentais. E a escola é um desses mundos em que a criança geralmente passa boa parte do seu tempo. Assim como na família, e em outros ambientes pelos quais ela se mobiliza: como as ruas na hora de brincar; no caminho que faz para ir à escola (a maioria delas costuma fazer a pé), etc.

Mapas mentais da criança amazônida urbana de Marabá é uma análise das expressões gráficas dos mapas mentais da criança na Amazônia do sudeste paraense, a partir de uma realidade na escola pública municipal, em uma turma de 4º ano do Ensino Fundamental I, da Educação Básica.

* Arquiteto, Mestre em Comunicação e Cultura Contemporânea, Doutorado em Educação com estágio na Universidade de Aveiro em Portugal. Pós-Doutor em Artes Visuais. Professor Adjunto da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Curso de Licenciatura em Artes Visuais, Mestrado Interdisciplinar em Dinâmicas Territoriais e Sociedade Amazônica - PDTSA e Mestrado em Letras no Instituto de Linguística, Letras e Artes - ILLA/UNIFESSPA.
E-mail: alixandresantos@unifesspa.edu.br
** Pedagoga (1999) pela Universidade Federal do Pará. Especialista em Educação Ambiental, Cidadania e Desenvolvimento Regional - turma 2010, pela Universidade Federal do Pará. Mestra do Programa de Pós-graduação em Dinâmicas Territoriais e Sociedade na Amazônia - PDTSA - Unifesspa.
E-mail: palomanoleto2@gmail.com

DOI: 10.23899/9786589284147.6

A principal inquietação sobre a concepção de Amazônia que a criança tem a esse respeito é geralmente expressa na forma natural, com floresta, animais e rios. O que leva a perguntar às crianças: o que é Amazônia e/ou onde fica a Amazônia? E ainda que essas crianças morem em um município que é parte da Amazônia brasileira, costuma-se dizer que é "lá na Amazônia", como se aqui não fosse esse "lá". É uma percepção do ambiente que não é exclusiva da criança e muitos adultos assim o concebem também.

Porém, era assim a percepção externalizada, de um pensamento endógeno, forjado na atitude colonialista que nega a Amazônia no sudeste do Pará. O propósito dessa atitude é para se apropriar das terras devolutas e com essa enunciação – se faz também nos mapas mentais das crianças, visibilizadas em suas expressões gráficas e pictóricas –, que objetiva discutir a Amazônia. Geralmente, os estudos são sobre as crianças e não com as crianças – com o que elas têm a dizer de si e das relações com o outro –, do meio em que elas fazem parte.

Buscou-se, portanto, comentar que o que está na mente da criança é indissociável do seu corpo: sentir, perceber, ouvir, falar são construídos nessa estreita relação em que um não se sobrepõe ao outro, são extremas interligações. Assim, é possível demonstrar que existe uma estreita ligação do ser social com a mente: não há separação (MAFESOLLI, 1996). É pura construção estética em que os sentidos são do meio e o meio é o que mostra como os sujeitos sentem.

O ambiente e as sensações coletivas

O ser humano, suas sensações, percepções não são explicadas somente no campo biológico, pelo qual se pode até mesmo afirmar que é uma questão de genética. Como se nascesse assim, morreria assim, não tendo qualquer intervenção do social, cultural. A percepção estético-ambiental, nesse caso, traz características biológicas, internas, pessoais, e isso é muito de uma construção social.

Conceber a percepção, o estético, o ambiental só pelo físico ou biológico ignora toda uma formação que se constrói nas relações, no mundo já formado com base nas sensações coletivas. E estas não são universais, não são iguais para todos, são coletivas no sentido de diversos grupos, que buscam se identificar com o que se assemelham (ARENDT, 2007).

A discussão-base sobre estética, que constrói as concepções sobre percepção e ambiente, firmou-se em Maffesoli (1996) que parte da complexidade do mundo contemporâneo, no qual a sensibilidade é coletiva, as sociedades são complexas e há

DOI: 10.23899/9786589284147.6

uma diversidade de valores heterogêneos entre si, pelos quais não há como conceber uma única forma de sociedade.

Ao mesmo tempo em que há um jogo de aparências, são expostas diferentes outras concepções que se fazem marcantes na teoria maffesoliana. Trazer uma teoria da Percepção Estética na dimensão do Ambiental como as contribuições referenciais de Maffesoli (1996), faz-se perceber que ao mesmo tempo em que os conceitos são similares, eles são divergentes e se complementam: percepção é meio da sensibilidade; estética é a sensibilidade; e ambiente não se separa de nenhum destes. Não são redundâncias, mas complexidades de uma sociedade contemporânea.

Nos mapas mentais das crianças, veem-se a percepção sob influência do estético, mobilizado pelo ambiental e que se apresenta exposto nas suas expressões gráficas. A lógica infantil, ao representar na forma gráfica a natureza amazônica, é da mediação do que vivencia e/ou idealiza. Essa vivência e/ou idealização é parte de um mundo "flutuante"[1] pós-moderno, no qual o coletivo é sobressalente ao individual. Este existe, e precisa ser visto, mas não é a única forma, tampouco é o que rege as formas de agir. Somos partes do coletivo, das constantes interrelações com o outro e o ambiente é que nos constituímos. (MAFFESOLI, 1996).

Norteados por um jogo de interesses e aparências, o coletivo é o que conduz as sociedades contemporâneas, mesmo quando se pensa em agir individualmente, é sobre o coletivo que se dá a constituição do corpo social. Nesse sentido, Maffesoli (1996, p. 172) afirma: "[...] todas as modulações do corpo em espetáculo simbolizam o corpo social". Isto presente em uma sociedade à qual chama de complexa, se distingue dos conceitos fechados, das visões lineares tão pregadas nas concepções de sociedades modernas ou mecânicas[2], que tende a homogeneizar, a guiar-se por valores operacionais, pré-estabelecidos, incluindo todos em grupos generalizados (MAFFESOLI, 1996).

Nas sociedades complexas (pós-moderna)[3], a individualidade é facilmente substituída por uma vida cotidiana regida pelo coletivo. O ser é aquilo que se constitui

[1] Referindo-se a não linearidade em que os diferentes grupos se mostram, onde se apresentam fora dos modelos pré-estabelecidos, mas que se formam deles, e com eles se re(configuram), re(organizam). É uma constante idas e voltas, nem sempre intencionais, mas vividas e apresentadas. Flutuam, não no sentido de que apresentam-se sem forma, ou ainda, de total instabilidade, mas de que se constrói em meio a diversos outros meios, épocas.

[2] Uma ideia usada por Maffesoli (1996) ao referir-se à modernidade diante da concepção de que as pessoas deveriam – e, se organizam - a partir de modelos pré-estabelecidos, de que haviam formas únicas de ser e se organizar, que cada grupo era único em si, por exemplo.

[3] Cabe destacar aqui que Maffesoli (1996) em nenhum momento busca em seus escritos designar conceitos, entre eles o de pós-modernidade ou pós-moderno. A estes (conceitos), trata-os como

DOI: 10.23899/9786589284147.6

do coletivo, é o corpo social que se constitui do que se identifica, que sente em comum. É o que Maffesoli (1996) chama de socialidade, onde a memória coletiva, o sentir em comum, o cotidiano são experiências estéticas, são vivências compartilhadas, em que "formiga uma multiplicidade de valores perfeitamente heterogêneos uns aos outros", em que um se constrói com o outro, em um constante modo de agir e se (re)significar seu modo de ser, de estar com o outro (MAFFESOLI, 1996, p. 31).

O que se entende por percepção estética se configura naquilo que, ao mesmo tempo em que a percepção é uma constituição do interno, dos sentidos do ser, torna-se indissociável do social, melhor, é também uma constituição deste. A percepção estética resulta da vivência. O ser, corpo, usa dos seus sentidos, mas é na sociedade, melhor, na socialidade que se constitui, que mostra o que é. Percebe-se aqui, que saindo da visão de que estética restringe-se a fenômenos artísticos, sensibilidade de apreciação, interpretação de uma obra, ao que é caracterizado como belo, a estética em Maffesoli (1996, p. 12) recebe "seu sentido pleno, [...] nada mais permanece incólume. Ela contaminou o político, a vida da empresa, a comunicação, a publicidade, o consumo, e, é claro, a vida cotidiana". Tudo é criação, é parte dessa constante (re)criação entre o que se identifica, o que compartilha com o outro, uma constante evolução em que não se configura na forma como agem, pensam, se relacionam, e em movimentos constantes, longe de linearidade.

Nessa concepção, tudo é estética, o mundo é uma organização estética e como o autor ainda diz "do quadro de vida, até à propaganda do *design* doméstico, tudo parece se tornar obra de criação, tudo pode se compreender como a expressão de uma experiência estética primeira" (MAFESSOLI, 1996, p. 12, grifo do autor). Essa criação permite ver uma sociedade pós-moderna onde a grande necessidade é do coletivo.

A estética poderia ser a separação entre o que é clássico (refinado) e vulgar, entre uma segregação do que é culto ou não, nas sociedades contemporâneas o coletivo é o elemento de partilha pelos interesses em comum. As sensações são esteticamente construídas nas relações. Os sentimentos partilhados, as sensações coletivas, o comunitário, nem sempre se organizam pelo viés da igualdade, mas de interesses iguais, nem sempre pela partilha, mas por comungar interesses semelhantes (BAUMAN, 2013)[4].

"noções", até mesmo pelo fato de que fala de uma sociedade que passa por mudanças constantes. Ao trazer o pós-moderno ou pós-modernidade, diz que "Sem entrar num debate estéril sobre a própria noção, a pós-modernidade seria essa mistura orgânica de elementos arcaicos e de outros um pouco mais contemporâneos" (MAFFESOLI, 1996, p. 14). As "oscilações" são constantes. E isso não quer dizer instáveis, mas em "sinergia".

[4] Destaca-se que Bauman não é nenhum defensor ou mesmo usa o termo pós-modernidade no sentido de que este é o período vivenciado como se houvesse um rompimento entre um período e outro, ou

DOI: 10.23899/9786589284147.6

Ambiente (ou meio ambiente), é comumente referido ao natural, ao meio físico, e nele o ser é um elemento à parte, independente. Como se pretende estudar uma situação em que o ambiente é visto como inseparável da condição humana e/ou estritamente ligado a ela, compreende-se, ainda mais, que o ser é partícipe desse ambiente.

Essa participação é mais uma situação dialética ambiente/ser. Ambiente aqui é a visão de natureza, mas indissociável das sensações humanas. Nessa reflexão analítica o ambiente refere-se a natureza amazônica, meio ambiente natural, mas ideologicamente construído: visualizado por interesses nos moldes da modernidade, em que a exploração pragmática de Amazônia, sob um discurso de desenvolvimento é o que é dito como necessário; dito como terra sem gente, mas cheio de pessoas com diferentes culturas, diferentes vozes – assim é a amazonidade. Portanto, o que buscou (re)significar como ambiente é o meio natural – a Amazônia –, mas nas estreitas relações sociais, em que discurso e vivências são interligados. Enfim, ambiente é uma construção social.

Mapas mentais: as expressões gráficas na ponta do lápis

O percurso feito até o momento, traçou o caminho para pensar o significa de percepção estético-ambiental, como admitir o "ser" e chegar ao que se conceitua mapas mentais. Nesse sentido, os mapas mentais eram vistos até então como simplesmente um material de análise, um método, mas que ao se ampliar para e com as expressões gráficas da criança eles adquirem um discurso visual, pressupondo ilustrar o que está na mente, nesse caso, da criança, o que o corpo "deixou ver". Aliás, temos uma dimensão social dos mapas mentais que são de um corpo que se constitui no coletivo, no viver em comum, segundo o que se identifica.

Mapas mentais aqui fogem da concepção de diagramas e ou memogramas[5], que auxiliam a memorização de conceitos predeterminados para regras que precisam ser

mesmo entre concepções do que vem a ser moderno ou pós-moderno, entre paradigmas. Defensor da ideia de que há uma modernidade em transformação da sua fase sólida (de vivências duradouras, ideias firmes, e mesmo objetivos concretos) à uma fase líquida (que nada dura por muito tempo), esta se explica na "sua 'modernização' compulsiva e obsessiva" (BAUMAN, 2013, p. 11) que constitui as vivências atuais, muitas regidas pelo consumo, pelo poder de ter, e assim constitui o que vem a ser, sendo esta uma condição humana. E ainda, na modernidade para Bauman (2013) as pessoas ao mesmo tempo em que vivem e buscam os grupos, são responsáveis, em sua individualidade, por si.

[5] Mapas mentais nesse sentido são uma espécie de esquemas gráficos utilizando de formas geométricas, setas e textos explicativos (geralmente nos diagramas), de cores ou desenhos (geralmente nos memogramas), de onde partem de uma palavra específica do conteúdo e, dela, viram outras que serão interligadas e relacionadas ao assunto estudado, servindo para organização e memorização. São chamados de mapas mentais por se referirem a conteúdos que se supõe ficarem guardados na mente

DOI: 10.23899/9786589284147.6

apreendidas por uma disciplina. Desse modo, surgem como uma organização esquemática para memorizar os conteúdos de uma matéria escolar e/ou para organizações diárias.

Outra forma de como os mapas mentais são vistos é como mapas cognitivos pelos quais Oliveira (2006, p. 37) esclarece: "no seu sentido mais amplo, exerce[m] a função de tornar visíveis, pensamentos, atitudes, sentimentos, tanto sobre a realidade percebida, quanto sobre o mundo da imaginação". São mapas mentais que visam entender alguns tipos de representações internas corporais. Até mesmo o que a pessoa não é capaz de expressar na fala, expressa através de um desenho esquemático. Trata-se de um método de análise, de investigação e, até de dedução de sentimentos – de traumas a alegrias – muito usado no campo da psicologia, no campo das ciências cognitivas.

Quando a criança amazônida urbana de Marabá se expressa graficamente, ela usa cores, faz traços leves ou fortes, constrói linhas onduladas, retas, circulares. Realiza em uma superfície o colorido ou o desenho em preto e branco. Ao desenhar experimenta um esquema mental e esse desenho é o que dar visibilidade a sua ideia de representação do mundo. É o mapa mental que se constitui nessa interrelação, do ser-vivência, na internalização de um ser sociocultural, histórico e vivente, no contexto territorial em constante transformação.

Os esquemas gráficos intuitivos da criança não precisam de uma alta organização estrutural, tampouco que dominem a leitura e escrita. Para expressar-se, além da escrita e ou da fala, ela apenas precisa perceber. O fundamental é como ela organiza as ideias, visto que não precisa ser posta no papel através da escrita, propriamente, mas da expressão gráfica como uma fazedora daquilo que considera essencial para ser mostrado ou comunicado.

A expressão gráfica que a criança deixa aparecer no papel, com lápis e/ou pincéis, com tinta ou canetinhas, é a extremidade do que é constituído na mente dos mapas mentais, do ser social, múltiplo, plural que se faz nas relações com o outro, na significativa alteridade. E aquilo que é permitido ver, é o que é pensado, construído e que passa por constante mudança, sofre a materialização de algo.

Os mapas mentais não são somente as expressões do externo, tampouco somente do interno. Ou ainda, uma relação de domínio de um sobre o outro, onde ora pode ser

(memória) e são ferramentas pedagógicas. O termo mapas mentais nesse sentido foi usado e difundido por Tony Buzan, que acreditava que deveria ser na forma de neurônios "para estimular o cérebro a trabalhar com maior rapidez e eficiência" (KRAISIG; BRAIBANTE, 2017, p. 73).

DOI: 10.23899/9786589284147.6

analisado pelas interferências do interno, ora do externo. Não há dualidade. Há dialética. É pura sinergia. Os mapas mentais oferecem momentos em que é possível ver o que se deixa ver.

Os mapas mentais estão nas expressões gráficas das crianças, nas quais sua percepção estético-ambiental é simbolizada sob o que idealizam, vivenciam experimentam, sentem, podendo relevar um modo de expressão do sentimento da existência da Amazônia e do que é um ser amazônida. E essa é a (re)significação de que quando a criança deixa expresso suas impressões, seus conhecimentos, suas percepções, as expressões gráficas dos seus mapas mentais simbolizam a realidade, mesmo não sendo ela propriamente dita. Mas é tudo formado no sentir em comum, no estar-junto, no identificar-se no grupo em participa (na escola, na comunidade, na cultura, etc.).

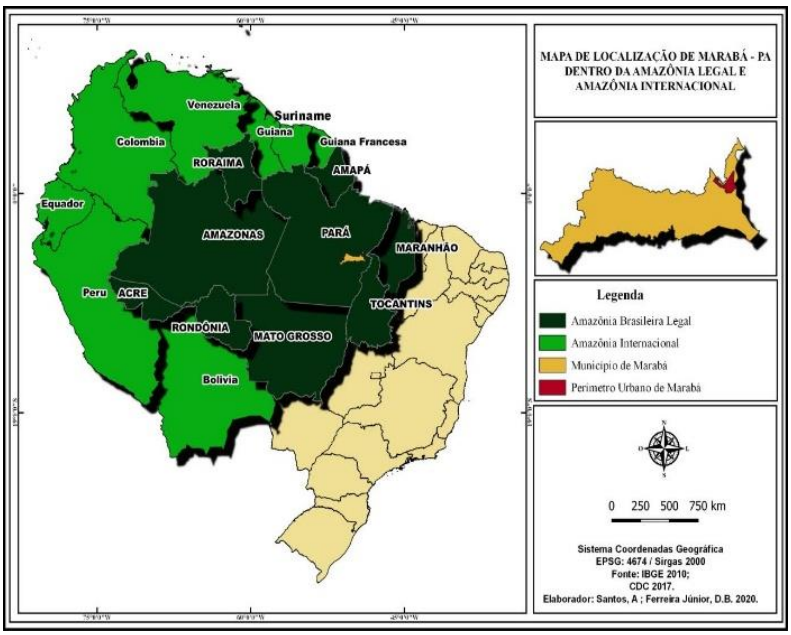
A Amazônia em Marabá

A cidade Marabá é parte do bioma amazônico e fica no sudeste do estado do Pará, no norte do Brasil. O município, segundo dados do IBGE (2018) tem uma área de 15.128,058 km², com uma população conforme o último censo (2010) de 233.669 habitantes, sendo o quarto município mais populoso do estado do Pará, com 79,7% da população vivendo na área urbana, mesmo esta não correspondendo à maior parte territorial do município.

Na Figura 1 tem-se cartograficamente a Amazônia, tanto a internacional como a Amazônia Legal. Neste também observa-se o município de Marabá, que se destaca com sua área urbana, trazendo uma forma de visibilidade da região, e ainda por ser local em que as crianças amazônida se remetem, fisicamente, para construir os mapas mentais:

DOI: 10.23899/9786589284147.6

Figura 1 – Mapa de localização de Marabá – PA dentro da Amazônia Legal e Amazônia Internacional



Fonte: Desenho de Andreana dos Santos e Dionel Barbosa Ferreira Junior (2020).

A área urbana do município de Marabá gradativamente cresce, tendo o fluxo migratório como um dos principais fatores. Desde o início da história do município a migração sazonal é uma das maiores características do fluxo de pessoas na região. Os migrantes ficavam em Marabá no período das safras (de algum extrativismo ou cultivo), com moradias fixas nesse período, em que o comércio no município se intensifica e as pessoas passam a se instalar na localidade, geralmente próximas aos rios – Tocantins e Itacaiúnas –, já que eram os meios de escoamento de produtos extraídos na região (VELHO, 2009).

Aqui cabe destacar que a região de Marabá, geralmente, em sua história inicial é representada pelo desbravamento de povos brancos sobre a região. Mas também esta era habitada por povos indígenas de diferentes grupos, os quais, com o avanço da extração dos recursos naturais, com a exploração das terras e até mesmo com um modelo de escravidão, foram dizimados. Os que sobreviviam, buscavam se afastar cada vez mais das áreas exploradas.

Outros grupos entram em cena a partir de novos interesses pela região, e Marabá que já se destacava pela atividade extrativa, pelas dinâmicas nas redes fluviais, passa não apenas a ser um dos locais de crescimento da agricultura e pecuária, como centro urbano que se organiza alicerçada nas rodovias, e se destaca tanto no setor de serviços

DOI: 10.23899/9786589284147.6

como de comércio, mas tem a mineração e siderúrgicas como base das propostas do governo federal de desenvolvimento e integração da região e nisso se (re)configura a Amazônia em Marabá (ALMEIDA, 2016).

São diversos os modos que organizam o estético ambiental da Amazônia, e isso se dá sob diferentes povos: os que aqui estavam e os que aqui chegaram. A Amazônia em Marabá é esse campo de diferentes visões, diversas vozes que emergem de um sistema de ocupação, que ao longo do tempo vem descaracterizando suas terras, seus povos, mas que também se ressignifica, se estetiza, (re)configura, nessas novas interações. É território de multiplicidade, de heterogeneidade socioespacial, cultural, em povos, conhecimentos, e que não cabe ser vista a partir de um único olhar.

Nesta (re)configuração de Amazônia em Marabá, dizer ser, estar, pertencer a uma região amazônica, não se caracteriza em estar em meio à floresta propriamente, como muitos imaginam que todas as pessoas da Amazônia vivem, mas em um território de floresta que vem passando por mudanças significativas, e que não deixa de ser Amazônia; que é vivenciado de diferentes formas.

A criança amazônida de Marabá

A visão de Amazônia e seus povos como típicos de algo natural impede, dentre outros, perceber a diversidade sociocultural da região. O destaque pela sua parte física, como uma imensa floresta, e esta de uma mesma forma, não representa o que realmente é vivenciado nos diferentes ambientes amazônicos, pela diversidade de povos, costumes, conhecimentos, culturas.

A Amazônia, frisamos, é comumente vista/dita/apresentada como floresta e seus povos, quando aparecem, são caracterizados, a partir de um estereótipo, como sendo compostos por uma única etnia, no caso indígena, e todos fazendo parte do mesmo grupo, das mesmas falas, dos mesmos costumes. E mesmo estando em uma região amazônica, ela, Amazônia, sempre parece estar distante. Geralmente o "lá na Amazônia", destacando a natureza, com bichos, rios e florestas, é mais frequente por crianças, e muitos adultos, do que o "aqui na Amazônia" vivemos. Gondim (2007, p. 97) evidencia que

> [...] os séculos podem variar e os cronistas serem originários das mais diferentes nacionalidades, no entanto, diante do rio e da mata amazônicos, quase genericamente, nenhum se isentou de externalizar sentimentos que variavam do primitivo pré-edênico ao infernismo primordial. Ainda que familiarizados com a região ou mantendo o tom frio e distanciado do pesquisador, esse objeto móvel, essa natureza grandiosamente avassaladora, em algum momento fez com

DOI: 10.23899/9786589284147.6

> que esses homens parassem e a escutassem, e a sentissem, muitas vezes deixando para trás olhares já estruturados, visões já vividas, para pousarem os olhos renascidos a contemplação extasiada da grandiloquência natural.

É como se não houvesse outra forma de ver, e ainda, como se somente os elementos da natureza bastassem. É um imaginário do local passado como único na qual a "natureza grandiosamente avassaladora" torna-se a essência da Amazônia, ora sendo exaltada, ora ofuscada conforme os interesses. Escondendo a diversidade, a pluralidade amazônica em terras, vegetais, animais, mas também em gente, povos, onde "a Amazônia está longe de ser uma unidade homogênea", arremata Pizarro (2012, p. 25), pois é diversificada tanto socioculturalmente quanto na política, na economia, na educação e na história dos povos.

Em relação à história dos povos, nem todos têm suas "raízes no ambiente original da floresta, e os que têm, passaram por significativas mudanças, que nem sempre é possível vê-las com tantas ligações com ela, floresta, como os povos nativos são" (HÉBETTE; MOREIRA; LEITÃO, 2004, p. 284). Os povos na/da floresta que (re)constroem suas histórias e vivências constantemente nem sempre espaciais, mas com diferentes interrelações entre eles (os povos), uma vez que se identificam com o lugar em que estão e são parte dele.

E a criança é parte disso tudo. Sob nenhuma forma ela é desconectada da família. Famílias que por diversos motivos migraram para a região – cabendo frisar –, que trazem consigo diferenças

> [...] nos aspectos econômicos, tecnológicos, sociais e culturais; cada um deles tem sua cultura típica, seus valores, seus projetos construídos na tradição de gerações sucessivas, ainda buscando sua nova identidade social e cultural; sua própria cultura religiosa é muito diferenciada, o que se traduz em comportamentos étnico-religiosos e inserção na estrutura da instituição religiosa diferenciados (HÉBETTE; MOREIRA; LEITÃO, 2004, p. 284).

Família, ainda, que migre dentro da própria região, deixa visível a diversidade de conceitos sobre a localidade, sobre si, sobre os interesses. Famílias que podem deixar marcantes nos seus descendentes a ideia que têm da região em que estão e/ou são. E a criança amazônida é dessa vivência, é desse pertencimento. A criança amazônida urbana de Marabá é de uma multiplicidade visível, que significa sua percepção do estético ambiental do qual é parte e construção.

E é sob esse estético ambiental que a criança amazônida, com sua capacidade criadora de estar e ser – do jeito como se relaciona com o outro –, em ouvir, falar, sentir,

DOI: 10.23899/9786589284147.6

interagir, compartilhar, expressa-se graficamente por meio de seus mapas mentais, deixando revelar a Amazônia vivenciada, idealizada, compartilhada com o outro. E ainda, poder-se-á conjeturar com base em Lowenfeld e Brittain (1970): a imagem universalizada, não parte dela, mas que pode ser resultado dessas diversas instituições nas quais transita.

Isso não significa que a criança amazônida urbana de Marabá tenha total reconhecimento de si e do meio, do que apreende e compartilha com o outro. Mas, significa que essas crianças mostram que o que é constituído internamente é de uma constante relação dialógica, que o exteriorizado é das múltiplas interrelações, do construído no coletivo, da multiplicidade cultural de que são parte; que são do constante movimento social, histórico de cada uma das crianças, de suas vivências reais, nos seus diferentes meios em que transita.

A criança amazônida revela a Amazônia

As expressões gráficas das crianças foram construídas em dois momentos. Organizou-se um laboratório de experimentação visual com 17 crianças, seguindo duas etapas de aprofundamento sobre o tema Amazônia. Estas foram compotas com roda de conversa, com discussões partindo das perguntas sobre a Amazônia.

Apareceram as primeiras expressões gráficas das crianças, no geral, expressaram a Amazônia como um ambiente natural, vasto, composto por diferentes espécies de animais ou de vegetais, águas, solo e sem presença humana.

O que se pode notar em relação a esses desenhos é que se trata da mesma Amazônia que aparecem nas mídias, nos muitos livros didáticos, na oralidade do adulto (como um lugar distante) e que para ser o que é o ser humano dela não faz parte. Uma das crianças expressou um objeto (uma canoa) construído por humanos (Figura 2). Contudo, o representou sem qualquer pessoa perto. É como se estivesse à deriva. Perguntada sobre o que fez, passou a descrever cada um dos elementos, e concluiu dizendo que é a Amazônia.

DOI: 10.23899/9786589284147.6

Figura 2 – Expressão gráfica: “O barco”

Fonte: Expressão gráfica produzida por N., 10 anos, em abril de 2019.

Como se pode notar, o discurso visual e verbal é ideológico e articulado de um ponto específico no esquema a ser propagado sobre a Amazônia, em que a imagem dela transmitida é da forma como entendem ser sua natureza, como diria Pizarro (2012): não é propriamente a Amazônia.

A criança quando expressa a Amazônia, não é algo que inventou do nada. Muito é de uma ideia enraizada, que não vem dela, mas do que idealiza, que parte de algo que é propagado, de uma ideia e ou até mesmo do que é omitido da falar. Para Gonçalves (2012, [s.p.], grifo do autor):

> Amazônia é vista por muitos como sendo a “última fronteira”, onde ainda parece existir uma natureza intocada. É como se ela fosse o reino de uma natureza virgem, sem cultura. Onde ainda existiria uma espécie de “bom selvagem”, que não teria cometido o pecado original da civilização.

A criança amazônida urbana de Marabá é parte do discurso explicito pelo autor do excerto, por estar envolta nele, ou por ser o que vivencia. Considera tudo muito bonito, em que para ser Amazônia, tem que ser o natural e este basicamente intocado. Nisso, inclui vegetação e animais, que podem ser presentes em sua realidade. Na figura 2

DOI: 10.23899/9786589284147.6

(acima), não representa um animal selvagem presente em muitas das expressões gráficas das crianças relativos à Amazônia, como onças, macacos. Mas, sim, os que são típicos de comidas da região, como o pato que é servido no tucupi[6] e que ela diz que são os bichos amarelos.

Nessa expressão gráfica, a criança mostra que só o fato de ser um animal, e talvez, o que tem mais facilidade para ela representar, já basta para expressar a Amazônia natural, em perfeita harmonia de seu mapa mental. Mas, por outro lado, quais variedades de animais amazônicos ela conhece? Em contrapartida, não há como afirmar que estivesse se referindo exclusivamente aos patos selvagens amazônicos ou que se trata dos patos domesticados e servidos como comida da região, pois em nenhum momento é falado sobre isso. A propósito, mostra-se que a constituição dos mapas mentais é múltipla, diversificada, é das diferentes interrelações.

Desde os nossos primeiros momentos juntos, as crianças disseram que na Amazônia as pessoas que nela viviam eram somente os indígenas. E o índio era idealizado nos diferentes discursos propagados - pelas mídias, livros, demais pessoas. Quando mostramos pela primeira vez uma fotografia de uma aldeia indígena (em que também aparece em destaque a floresta), houve controvérsia sobre ser ou não Amazônia, e a discussão na roda de conversa ficou em um embate, já que não era admitido por algumas crianças amazônidas que indígenas amazônicos possam viver em casas de tijolos, ou mesmo ter carro.

Esse momento da discussão lembra Martins (1993) sobre o sentimento de pobreza, da incapacidade, do sentir-se descolado em uma sociedade que devido às diferenças de cor, aos costumes, às línguas – e que se sabe que vão bem além de tudo isso, são relações de poder, de domínio – animalizam outras pessoas e, no caso, o indígena. Isso é facilmente expresso pelas crianças. E elas, em momentos de expor suas representações visuais, mostram sem rodeios como tudo é parte dos discursos de homogeneidade em que o índio deve ser conforme um estereótipo.

E para clarificar e rever as ideias ancoradas nos estereótipos a necessidade dos momentos de discussões com as crianças são centrais, visto que podem ser tentativas de transcender essa formação focada e impregnada de inferiorização dos povos, das culturas, das imagens. Isso é o que deixam-se ver em alguns dos mapas mentais da criança amazônida urbana de Marabá em que a Amazônia é habitada somente por povos indígenas.

[6] É um prato servido na região, principalmente em festividades, em que o pato cozido é servido com tucupi, que é um sumo amarelado retirado da mandioca, muito utilizado na região amazônica.

DOI: 10.23899/9786589284147.6

Algumas delas expressaram na forma gráfica, como na Figura 3 a seguir, em que diz que o que fez foi a Amazônia: "*[...] eu desenhei as árvores, as montanhas e uma aldeia de índios [...] e aqui é um rio correndo na correnteza muito forte, e fiz assim[...] uma parte que tá alagada*".

A harmonia é visível, mesmo falando que há alagamentos. Mas, em meio à floresta, para a criança é natural e não se torna problema, como muitos vivenciam na área urbana. Um detalhe observado na Figura 3, é que a criança representa as casas indígenas como se fossem de tijolos – como o representado na fotografia e que foi motivo de desacordos nas discussões em roda de conversa:

Figura 3 – Expressão gráfica: "Aldeia"

Fonte: Expressão gráfica produzida por M., 10 anos, em dez. 2019.

As casas indígenas estão na forma circular, próximas ao rio, há montanhas, árvores, pessoas, sol, ventos. Não aparece nenhum animal selvagem. Fica parecendo que para trazer ao que consideram ser normal (casas de tijolos), os animais não podem aparecer. Parece, ainda, que há uma mudança de concepção em que é possível indígenas habitarem em casas de tijolos e continuarem sendo indígenas. Cabe destacar que é uma questão que precisaria de mais tempo para discussões com as crianças.

DOI: 10.23899/9786589284147.6

O que fica para o momento é que entre o que fala e o que expressa graficamente, é possível que a criança tenha concebido que não é o tipo de casa que diz ser ou não indígena. É visível, também, que muitos elementos na expressão gráfica de M. é uma junção da discussão gerada entre as crianças a partir de uma das fotografias que representava uma aldeia indígena da região paraense e o que esta criança idealiza uma aldeia, com alguns elementos como caminhos que ligam até as casas, que não costumam ser parte de uma Terra Indígena (T.I), mas faz parte de boa parte da área rural da região como experimentado pela criança.

Nas falas das crianças, elas expressam uma Amazônia sempre como "lá na Amazônia". Por mais que nos últimos momentos dos encontros dissessem que "aqui é Amazônia", que "Marabá está na Amazônia", ou "eles lá na Amazônia" se referindo aos indígenas é segundo o que se tem concebido, é o que fica expresso com maior intensidade, é o que é mostrado dos seus mapas mentais.

A criança amazônida urbana de Marabá revela a Amazônia que constitui das suas múltiplas relações com seus pares, com outros adultos. A Amazônia da criança amazônida é também a que está nos livros didáticos, nas mídias, no que a irmã diz ou do tio que leva para ver um jogo de futebol em uma terra indígena. É a Amazônia natural, que expressam em perfeita harmonia com os animais, e salvo algumas vezes, com os povos indígenas. E também é das omissões, do que se deixa de falar, de oportunizar às discussões, reflexões.

Conclusão

Esta reflexão crítica apresentada reforça a convicção de que ao ter a criança (e nesse caso a criança amazônida urbana de Marabá) voz para expressar e representar graficamente seus pensamentos, admite-se que é preciso conjeturar, também, sobre a formação social e o processo de migração, os quais ainda ocorrem e a criança vivencia. Ainda os que, no passado não tardio, os pais tenham vivenciado o processo migratório, sendo trazidos para Marabá, pois são formas que modulam a percepção estético-ambiental da criança sobre a Amazônia, e está em seus mapas mentais.

Ter a criança e seus mapas mentais no estudo impulsionou a pensar e buscar respostas diante das concepções de interdisciplinaridade, apoiando-se a outras ciências para verdadeiras trocas de conhecimento, pois era preciso entender que os mapas mentais iriam além do que estava expresso graficamente pela criança, e estes, por sua vez, não se resumem em expressões gráficas: são expressões sociais, físicas, biológicas, históricas, políticas, e o que se sente e constrói.

DOI: 10.23899/9786589284147.6

O que está expresso graficamente não são realidades propriamente ditas, mas são o que a mente, o que seu mapa mental deixou ver. E conceber noções interdisciplinares, mostra a necessidade de buscar em diferentes campos, para compreensão dos mapas mentais de forma mais ampla, até mesmo, ao que vimos como sua totalidade, que vai além do que está representado no papel, e do que está na mente.

As imagens que emergiram de Amazônia dos mapas mentais das crianças, nas falas e expressões gráficas foram: de natureza intocada, com rios, animais, árvores, basicamente sem interferência humana; de natureza em que os únicos habitantes são os povos indígenas, e estes, nos estereótipos perpetuados de que só podem morar em ocas de palha e barro, que as vestimentas são de penas, cordas e folhas; de que os povos indígenas que vivem "lá na Amazônia" são os que protegem as florestas, mas não podem ter carro, usar roupas as quais dizem ser de pessoas normais; de que a Amazônia é homogênea, sendo um vasto e distante lugar harmonioso; e, que à medida que perde a parte de floresta deixa de ser Amazônia.

Sabe-se, e foram pontos de discussão ao longo desse estudo, que essas imagens não são propriamente da criança. São imagens inventadas, e que perduram, mesmo diante de realidades completamente diferentes. E ainda, é importante destacar que o estudo foi realizado com a participação de um único grupo de crianças de um mesmo ambiente escolar, e que isso não remete a um padrão, nem mesmo assegura que os resultados conseguidos seriam os mesmos com todas as crianças da região urbana de Marabá.

Ao concluir, percebe-se que a criança e o seus mapas mentais mostraram na pesquisa que pensar no todo também é pensar no individual, assim como nos múltiplos grupos, nas plurais e complexas realidades; que a Amazônia revelada é também aquela que é deixada de falar, que fica nas entrelinhas, ou mesmo, é resultado de uma imagem repassada; que as crianças, principalmente no ambiente escolar, deveria sempre ter momentos para discussões, exposição de ideias, para que se (re)construíssem outras que se tentasse superar preconceitos, as formas de inferiorização, os estereótipos dos diferentes povos, como os povos indígenas, o negro, o camponês, o ribeirinho, o sem-terra, a mulher, o pobre, a Amazônia.

Referências

ALMEIDA, J. J. Políticas públicas e comunidades da Amazônia: o caso da Velha Marabá (1970-2000). **URBANA**: Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Cidade, v. 8, n. 2, p. 44-59, dez. 2016. Disponível em:

DOI: 10.23899/9786589284147.6

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/urbana/article/view/8643591>. Acesso em: 10 jan. 2020.

ARENDT, H. **A condição humana**. Tradução de Roberto Raposo, posfácio de Celso Lafer. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

BAUMAN, Z. **A cultura no mundo líquido moderno**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2013.

GONÇALVES, C. W. P. **Amazônia, Amazônias**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2012. (E-book).

GONDIM, N. **A Invenção da Amazônia**. 2. ed. Manaus: Valer, 2007.

HÉBETTE, J.; MOREIRA, E. S.; LEITÃO, W. M. Uso e abuso no trato dos recursos naturais em áreas da Amazônia Oriental: história e atualidade. In: HÉBETTE, J. **Cruzando a Fronteira**: 30 anos de estudo do campesinato na Amazônia. v. III. Belém: EDUFPA, 2004. p. 273-285.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Marabá/Panorama**. 2018. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/maraba/panorama>. Acesso em: 19 jun. 2020.

KRAISIG, Â. R.; BRAIBANTE, M. E. F. Mapas Mentais: Instrumento para a construção do conhecimento científico relacionado à temática "cores". **Shouth American Journal of Basic Education, Technical And Tecnological**, [S.l.], v. 4, n. 2, p. 70-83, 2007. ISSN: 2446-4821. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/SAJEBTT/article/view/1273/944>. Acesso em: 19 out. 2018.

LOWENFELD, V.; BRITTAIN, W. L. **Desenvolvimento da capacidade criadora**. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

MAFFESOLI, M. **No fundo das aparências**. Tradução de Bertha Halpern Gurovitz. Petrópolis: Vozes, 1996.

MARTINS, J. de S. **A chegada do Estranho**. São Paulo: Hucitec, 1993.

OLIVEIRA, N. A. da S. A educação ambiental e a percepção fenomenológica, através de mapas mentais. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, v. 16, p. 32-46, jan./jun. 2006.

PIZARRO, A. **Amazônia**: as vozes do rio – imaginário e modernização. Tradução de Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

VELHO, O. G. **Frente de expansão e estrutura agrária**: estudo do processo de penetração numa área da Transamazônia [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009. 172p. ISBN: 978-85-9966-291-5. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/zjf4z/pdf/velho-9788599662915.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2020.